

COLEÇÃO DFP  
competências humanizadas

# A ARTE DE SONHAR SER

FUNDAMENTOS DA ARTE-PSICOTERAPIA  
ANALÍTICA-EXPRESSIVA

RUY DE CARVALHO



edições ispa

# **A ARTE DE SONHAR SER**

FUNDAMENTOS DA ARTE-PSICOTERAPIA  
ANALÍTICA-EXPRESSIVA

TÍTULO: FUNDAMENTOS DA ARTE-PSICOTERAPIA ANALÍTICA-EXPRESSIVA  
AUTOR: RUY DE CARVALHO  
COLECÇÃO DFP / COMPETÊNCIAS HUMANIZADAS

© INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA – CRL  
RUA JARDIM DO TABACO, 34, 1149-041 LISBOA  
1.ª EDIÇÃO: FEVEREIRO DE 2009

COMPOSIÇÃO: INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA  
IMPRESSÃO E ACABAMENTO: PRINTIPO – INDÚSTRIAS GRÁFICAS, LDA.

DEPÓSITO LEGAL: 288252/09  
ISBN: 972-8400-89-7

RUY DE CARVALHO

**A ARTE DE SONHAR SER**

FUNDAMENTOS DA ARTE-PSICOTERAPIA  
ANALÍTICA-EXPRESSIVA

ISPA

L i s b o a

# Í N D I C E

INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA ARTE-PSICOTERAPIA ANALÍTICA-EXPRESSIVA	7
Definição	7
Caracterização da intervenção	8
As componentes dinâmicas da arte-psicoterapia analítica	9
Enquadramento da imagem	9
A vida da imagem	9
A vida na imagem	10
A vida para além da imagem	10
A sessão	10
A arte-psicoterapia analítica no contexto do modelo polimórfico	11
Relação dialógica	12
CONTRIBUTOS DA PSICOTERAPIA DINÂMICA PARA A COMPREENSÃO DO FENÓMENO ARTÍSTICO NO CONTEXTO DE ARTE-PSICOTERAPIA ANALÍTICA EXPRESSIVA	14
Freud e o ponto de vista psicanalítico clássico da arte	14
Melanie Klein e a compreensão do fenómeno artístico	16
Donald Winnicott e a compreensão do fenómeno artístico	17
Marion Milner e a compreensão do fenómeno artístico	20
Contributos de Bion para a compreensão da criação artística	22
Contributos de Kohut para a compreensão da criação artística	23
Contributos da análise psicológica de Carl Jung para a compreensão da criação artística: Símbolos e função transcendente	26

OS GRUPOS DINÂMICOS DE ARTE-PSICOTERAPIA ANALÍTICA-EXPRESSIVA	28
Arte-terapia grupalítica de Gerry McNeilly	28
Dados biográficos de Gerry McNeilly	28
Definição de arte-terapia grupalítica	29
Grupos directivos e não directivos de arte-terapia	29
Os cinco tipos de imagem	30
As cinco conferências portuguesas	31
Arte-terapia analítica grupal de Ruy de Carvalho	32
Origem da arte-terapia analítica grupal	32
A comunicação metadramática	33
Matriz e padrão em arte-terapia grupal: O modelo português de Ruy de Carvalho	33
A imagem no contexto da dinâmica grupal: Tipologia de significação formal da imagem de Ruy de Carvalho	36
BIBLIOGRAFIA	38

“A arte é a mentira que nos permite aceder à verdade”.

Pablo Picasso

## INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA ARTE-PSICOTERAPIA ANALÍTICA-EXPRESSIVA

### **Definição**

- A Arte-Psicoterapia Analítica corresponde a um modo de Psicoterapia pela Arte, em que é colocada a tónica na criação artística enquanto processo de procura de novas significações, integrada num contexto relacional terapêutico de cunho dinâmico
- Assenta em princípios psicanalíticos ou grupalíticos, mas não é nem psicanálise, nem grupalidade pela arte
- A intervenção arte-terapêutica pode implicar, duas sessões por semana
- Pretende-se, entre outros:
  - Trazer à consciência do paciente os aspectos psíquico recalcados e inconscientes
  - Permitir a regressão a níveis precoces e arcaicos do desenvolvimento individual, num ambiente contendor que permita a elaboração
  - Possibilitar a expressão emergente do verdadeiro Self, tornando-se viável a reparação narcísica e dos objectos internos
  - A organização da transferência, que também estará imbuída nas criações, sob a forma de transferência transmediador
- As atitudes preponderantes do Arte-Psicoterapeuta analítico, para além de empatia e *holding*, são de investigação, clarificação, interpretação e de facilitação da expressão mediada

A perspectiva psicanalítica que mais se adequa à Arte-Psicoterapia será a *inter-subjectiva*.

## Caracterização da intervenção

*Modo: Arte-psicoterapia analítica. Modelo polimórfico*

	<b>Artes</b>	<b>Papel do arte-terapeuta</b>	<b>Expressão (E) Criação (C)</b>
<b>Setting</b>			<b>Significação (S) Aprendizagem (A)</b>
– Psicoterapêutico individual ou grupal	Mono-expressão	Não directivo	
– Intervenção institucional ou privada	(raramente integração)	Análítico	C/S
<b>Técnica de facilitação</b>	<b>Interpretação</b>	<b>Aliança terapêutica</b>	<b>Relacionamento real</b>
+	Nas suas diferentes nuances, preservando os objectos de arte + + + +	+ + + +	+ +
<b>Transfêrência</b>	<b>Transfêrência transmediador</b>	<b>Estrutura</b>	<b>Aplicações</b>
+ + + +	+ + + +	Não estruturada, assente na livre criação e associação de ideias O objectivo essencial é a <i>perlaboração</i>	– Arte-psicoterapias longas – Pacientes com capacidades cognitivas criativas e insight conservados em instituições ou privados  – Crianças. – Pacientes psicóticos ou bipolares em fase remissiva, sem comprometimento grave das funções cognitivas – Perturbações depressivas – Pacientes “neuróticos” – Pacientes com perturbações da personalidade (borderline, histriónicas e outras do grupo C) – Casais e famílias



## As componentes dinâmicas da arte-psicoterapia analítica

Joy Schaverien (1991) distinguiu como componentes dinâmicas da sessão de Arte-Psicoterapia Analítica o enquadramento da imagem, a vida da imagem e a vida na imagem. A estes foi acrescentado por Carvalho (2001) a vida para além da imagem.

### *Enquadramento da imagem*

A arte-psicoterapia analítica é um processo psicoterapêutico de cariz analítico profundo que pode ocorrer num departamento de psicoterapia ou noutra contexto propício à prática analítica, sendo as sessões marcadas semanalmente ou com ainda mais frequência. A aplicabilidade deste processo depende do nível de *insight* e perturbação do paciente e da capacidade do *setting* em fornecer o ambiente contendor necessário a qualquer processo profundo.

O termo “analítico” é chave, porque enfatiza a diferenciação analítica que ocorre durante a criação. Este termo indica que a consciencialização é atingida tanto através da relação do paciente com o trabalho artístico, como através da relação terapêutica. Muito embora o envolvimento no processo de criação seja central, este não é favorecido nem separado do plano da relação terapêutica.

### *A vida da imagem*

A vida da imagem está relacionada com a sua construção, com a experiência estética que proporciona, e o seu impacto na relação terapêutica, pelo que está assim em conexão com a contra-transferência e a transferência.

A vida da imagem pode dividir-se em cinco estádios diferentes, no que diz respeito ao processo em que o criador está envolvido:

- *Identificação* – O paciente contempla a imagem e liga-se a ela pelo olhar. As palavras são raramente úteis, esta fase
- *Familiarização* – A imagem começa a tornar-se familiar. O criador começa a perceber a sua articulação imanente. A criação começa a ser vista como externa e dá-se a *diferenciação*. As palavras ainda não ajudam
- *Reconhecimento* – O paciente começa conscientemente a aperceber-se das implicações da imagem e dá-se a especulação sobre outros possíveis aspectos inconscientes. É normal que isto seja feito com o arte-psicoterapeuta, pelo que as palavras e interpretações são de grande ajuda
- *Assimilação* – Esta é a fase de reintegração do material revelado pela imagem. É uma fase de contemplação e as palavras serão desnecessárias
- *Rearranjo e desprendimento* – Esta fase é o resultado das fases anteriores e depende do tipo e da qualidade de investimento que o paciente fez no processo de criação.

Algumas imagens perdem o seu poder assim que as suas implicações são consciencializadas, outras mantêm-no, sendo como que talismãs. Assim o paciente pode manter-se apegado ou desprender-se da imagem

### *A vida na imagem*

A vida na imagem é o resultado do compromisso entre o criador e o processo de criação de imagens. Este compromisso pode ter vários *nuances*, de que se destacam dois tipos: a imagem diagramática ou meramente descritiva, e a imagem incorporada. Estes dois tipos de imagem não se excluem mutuamente e podem coexistir numa só criação.

A *imagem diagramática* é uma aproximação a uma imagem mental pré-concebida. É normalmente figurativa, esquemática e específica. O paciente precisa de explicar a sua intenção e, para tal, recorre ao uso de palavras. Embora o resultado possa não ser consciente, a sua intenção é-o. Este tipo de imagem é uma ajuda à comunicação, mas não tem vida incorporada, por isso a sua importância afectiva é muito limitada e serve raramente de talismã.

A *imagem incorporada* pode ter sido pré-concebida, mas não necessariamente. Esta está mais perto da imagem mental, dado que o poder inerente às imagens mentais é mantido. No processo de criação destas imagens, o artista renega a tentativa de reproduzir a imagem mental, ou pura e simplesmente deixa-se conduzir pelos materiais. A imagem incorporada não é prontamente verbalizável, uma vez que esta transcende o que é conhecido. A imagem desenvolve-se de maneira inesperada e pode mesmo surpreender o seu criador, sendo esta uma experiência muito mais significativa.

### *A vida para além da imagem*

Uma imagem após ser criada, no contexto duma sessão de Arte-Psicoterapia Analítica, pode ganhar vida própria, que determinará que permaneça animada na mente do seu criador, empossada de sentido simbólico catalizador. Tal propiciará um efeito de modelação do imaginário, tanto mais efectivo quanto a qualidade perlaborativa e transmutativa implícita na imagem.

### *A sessão*

Não existe uma estrutura pré-estabelecida para as sessões de Arte-Psicoterapia Analítica. Apenas terão que estar subjacentes os seguintes princípios ao decorrer dos acontecimentos na sessão:

- A comunicação deve assentar na livre associação de ideias
- A criação ocorrerá espontaneamente e sem orientações directivas
- O paciente criará a partir do seu mundo interno
- A imagem ganhará valor comunicativo pelo que a associação livre de ideias também será aflorada a partir daquela

Assim o paciente poderá chegar e começar desde logo a criar, escolhendo o recurso técnico artístico ou materiais, ou poderá começar a verbalizar, criando num momento seguinte e até mesmo poderá verbalizar enquanto cria. Há que estar atento ao simbólico do *acto de criar*.

No entanto, e de modo a que o paciente possa integrar os procedimentos próprios da Arte-Psicoterapia Analítica, no início do processo, durante a fase de avaliação pode haver a necessidade de fazer sugestões relativamente à experimentação de mediadores, materiais e recursos técnicos artísticos, por exemplo de acordo com os princípios sistematizados por Ruy de Carvalho para a Avaliação Clínica em Arte-Psicoterapia. Posteriormente será dada ao paciente maior autonomia e possibilidade de auto-determinação relativamente ao modo de organizar a sua sessão.

### **A arte-terapia analítica no contexto do modelo polimórfico**

O Modelo Polimórfico preconizado pelo autor não tem a intenção de integrar todas as formas de Arte-Terapia/Psicoterapia existentes. A intenção foi a de quebrar com a tendência para tornar a Arte-Terapia subsidiária dos modelos de psicoterapia vigentes. A Arte-Terapia tem de se definir como especialidade terapêutica/psicoterapêutica por si, com um corpo técnico e teórico próprio, se se quiser afirmar, embora se possa basear em diversas teorias. Caso contrário, corre o risco de não ser encarada como um modelo de psicoterapia e por isso invalidada pelos outros psicoterapeutas, que a entenderão como uma mera modificação da técnica que executam, o que na verdade já acontece muito generalizadamente. Psicanalistas, analistas junguianos, psicoterapeutas rogerianos, gestalt-terapeutas, grupanalistas e outros, por vezes entendem que se integrarem artes no seu trabalho, fazem Arte-Terapia. Daí as designações utilizadas: Vivencial, Psico-Educacional, Integrativa e Analítica. A Analítica será a única que poderá fazer alguma confusão relativamente à Psicanálise. Mas não é Psicanálise, tal como Análise Psicológica, Grupanálise, Análise Bioenergética ou Análise Transaccional não o são. É Arte-Psicoterapia Analítica, que tem um enquadramento técnico próprio, que em muito é diferente da Psicanálise. Analítico ou perlaborativo, porque se mantém na linhagem técnica de cariz analítico, interpretativo, evidenciando-se a transferência. A orientação teórico-técnica integra aspectos da Psicanálise, da Análise Junguiana, mas essencialmente a sua linhagem advém do que foi preconizado em Inglaterra como Arte-Psicoterapia Analítica, em que se tem de ter em conta o impacto e a dimensão da transferência transmediador e da contratransferência estética. Quanto à Arte-Terapia Grupanalítica é integrada como Arte-Psicoterapia Analítica Grupal.

A linhagem da Gestalterapia está implícita na Arte-Psicoterapia Integrativa, tal como o preconizado pela escola inglesa. A relação dialógica é neste modo de Arte-Psicoterapia central, no sentido Buberiano, embora a referência do autor seja a de Jennifer Mackwenn, gestalt-terapeuta didacta inglesa, que fez formação com F. Perls, com vários livros publicados sobre Gestalterapia, onde desenvolve o conceito de relação dialógica.

Neste enquadramento a relação dialógica compreende uma perspectiva de relação interactiva entre o cliente e o arte-psyco-terapeuta.

Não é nossa intenção classificar de um ponto de vista polimórfico abordagens para além daquelas quatro que são utilizadas, pensando que tal deverá ser deixado ao critério dos autores, das diferentes abordagens, como é o caso da Arte-Terapia Gestáltica.

Isso foi já feito por outrem. Baseamo-nos na perspectiva de Joy Schaverien, uma analista junguiana e arte-psyco-terapeuta analítica, inglesa, que definiu três modos de abordagem: Arte-Terapia, Arte-Psyco-terapia e Arte-Psyco-terapia Analítica. Nestes ela integrou as diferentes formas de trabalho nesta área, em Inglaterra.

Consideram-se dois modos básicos no Modelo Polimórfico:

- Arte-Terapia, cujo foco é a criação e a expressão artística
- Arte-Psyco-terapia, cujo foco é a relação psyco-terapêutica mediada

Na Arte-Terapia podem integrar-se todas as formas de trabalho conhecidas, nas duas perspectivas:

- Vivencial – Centrada na criação artística
- Psico-Educacional – Temática e estruturada

Na Arte-Psyco-terapia é um pouco mais complicado, na medida da diversidade de perspectivas, mas penso que também se podem integrar todos os modelos de intervenção tendo em conta:

– Arte-Psyco-terapia:

- Arte-Psyco-terapia Integrativa
  - Arte-Terapia Gestáltica
  - Arte-Terapia Sistémica
  - Arte-Psyco-terapia (perspectiva inglesa), cujo foco é a relação entre o cliente o psyco-terapeuta e a transferência implícita
  - Arte-Terapia Grupanalítica
  - Arte-Terapia Interactiva (grupala)
  - Arte-Terapia Winnicottiana
- Arte-Psyco-terapia Analítica – Todos os catetos de um triângulo, cujos vértices são constituídos pelo cliente, psyco-terapeuta e criação, são amplamente activados, ao ser colocado o foco na transferência transmediadora (de “bode expiatório” na aceção de Joy Schaverien). Cabem aqui as abordagens individual e grupala.

### *Relação dialógica*

Em Arte-Psyco-terapia Analítica a tónica da relação psyco-terapêutica, mediada pela imagem ou objecto de arte, é colocada na perspectiva da relação dialógica. Este conceito

de relação dialógica, retirado das formulações de Mahler sobre a relação precoce mãe-bebé e relacionado com a perspectiva da empatia de Kohut e com o conceito de intersubjectividade de Stolorow, foi adaptado e ampliado por Gestalt-terapeutas como Buber e Hycner. Aliás Maria Rita Mendes Leal também é preconizadora de uma perspectiva dialógica relativamente à relação terapêutica. Entende-se por dialógico o contexto relacional psicoterapêutico total em que a singularidade de cada pessoa é valorizada, isto é paciente e psicoterapeuta constituem uma díade interdependente. Esta é uma perspectiva proeminentemente intersubjectiva.

*São as seguintes as características apontadas para a relação dialógica:*

- *Inclusão* – O terapeuta estabelece contacto com o cliente e deixa-se ser comovido pela experiência do cliente. Entra no seu mundo fenomenológico e tenta ver a perspectiva do paciente através dos seus olhos, utilizando a sua capacidade de empatia
- *Presença* – O terapeuta conhece e mostra o seu verdadeiro Self. Tenta não aparecer como se fosse especial ou ter de demonstrar ser um bom terapeuta. Age enquanto pessoa que é, salvaguardando a possibilidade de relacionamento real
- *Individualidade do terapeuta subordinada ao serviço do dialógico* – Cada um dos intervenientes utiliza o seu Self profundo para se relacionar com o outro. A contra-transferência, enquanto resposta subjectiva própria ao Self do psicoterapeuta, é posta ao serviço da compreensão do paciente
- *Interesse inato pelo outro* – Quando a pessoa é tratada como um objecto a ser analisado diagnosticamente ou salvo, não está a ser contactada ou tratada como pessoa. É necessário promover a capacidade de auto-determinação e as capacidades inatas de transformação do paciente
- *Sintonia com a experiência fenomenológica do paciente* – Vivenciar a relação, ou seja, contactar e vivenciar mais do que “falar de”. Promover a emergência afectiva, no contexto relacional, no aqui e agora. O psicoterapeuta terá também de se interrogar sobre os sentimentos aflorados por si na vivência presente com o cliente. Por outro lado terá de facilitar o envolvimento do paciente com experiências, por exemplo expressivas ou criativas
- *Aprovação* – A confrontação do paciente com alguns dos seus comportamentos não implica a desaprovação da pessoa. Mesmo quando isso é feito é importante que o paciente sinta que o psicoterapeuta está do seu lado
- *Libertação de pressupostos teóricos* – O terapeuta deve enfatizar mais o intersubjectivo, para o que será necessário destituir-se de pressupostos teóricos, para se comprometer numa relação pessoa-a-pessoa

## BIBLIOGRAFIA

- Bleichmar, & Bleichmar. (1992). Lacan. Teoria do sujeito entre o outro e o grande outro. In Bleichmar & Bleichmar, *A Psicanálise depois de Freud*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, R. (2001). A arte de sonhar ser. In *Coleção Imagens da transformação*. 8. Rio de Janeiro: Clínica Pomar.
- Carvalho, R. (2006). O polimorfismo da arte de sonhar ser. In *Revista científica de Arteterapia Cores da Vida*. 2. Vol 3. Nº 3. Julho-Dezembro, 2006. <http://www.brasilcentralarteterapia.org>
- Carvalho, R. (2006). O drama da não pertença: paradoxo da exclusão, a função integradora da arte. In *Coleção Imagens da Transformação*. 12. Rio de Janeiro: Clínica Pomar.
- Carvalho, R. (2006). Arte-terapia: identidade e alteridade, uma perspectiva polimórfica. In *Arte Terapia: Reflexões*. 6. São Paulo: Sedes Sapientiae.
- Chibante Coelho, A. *Psicologia do anormal e clínica. Os mecanismos de defesa*. <http://ivocostenaro.vilabol.uol.com.br/IvoWeb/DEFESA.htm>
- Cortesão, E. (1989). *Grupanálise. Teoria e técnica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Dalley, T. (1984). *Art as Therapy. An introduction to the use for arts as a therapeutic technique*. London and New York: Tavistock/Routledge.
- Dalley, T., Case, C., Schaverien, J., Weir, F., Halliday, D., Hall, P.N., & Waller, D. (1987). *Images of art therapy. New developments in theory and practice*. London and New York: Tavistock.
- Doren, R., & Parrot, F. (2001). *Dicionário de psicologia*. Lisboa: Climepsi.
- Fenichel, O. (1981). *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro: Atheneu.
- Foulkes, S. (1964). *Grupo análise terapêutica*. Lisboa: Europa-América.
- Fuller, P. (1983). *Arte e psicanálise*. Lisboa: Dom Quixote.
- Gilroy, A., & McNeilly G. (Org.). (2000). *The changing shape of art therapy. New developments in theory and practice*. London and Philadelphia: Jessica Kingsley.
- Greenson, R.E. (1981). *Psicologia Psicanalítica. A Técnica e a prática da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Jung, C.G. (Org.). (1984). *O homem e os seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Kaplan, H., Sadock, B., & Grebb, J. (1997). *Compêndio de psiquiatria*. 7ª Edição. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kohut, H. (1988). *Análise do Self*. Rio de Janeiro: Imago.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.B. (1990). *Vocabulário da psicanálise*. Lisboa: Presença.
- Malrieu, P. (1996). *Teoria das Artes e Literatura. A construção do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget.

- McNeilly, G. (2005). *Group-Analytic Art Therapy*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- Milner, M. (1991). *A loucura suprimida do homem são*. Rio de Janeiro: Imago.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (2000). *Dicionário de psicanálise*. Mem Martins: Inquérito.
- Sandler, J., Dare, C., & Holder, A. (1977). *Psicologia Psicanalítica. O paciente e o analista. Fundamentos do processo psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- Schaverien, J. (1991). *The revealing image. Analytical art psychotherapy in theory and practice*. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers.
- Vaillant, G. (1971). Theoretical hierarchy and adaptive ego mechanisms. In *Arch Gen Psychiatry*. 24, 107-118.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Zimerman, D. (1995). *Bion, da teoria à prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

O Departamento de Formação Permanente (DFP) do ISPA, criado em 1995, insere-se no domínio das actividades de extensão universitária e ligação à comunidade. A sua missão é organizar acções de formação dirigidas a profissionais e prestar serviços de consultoria e formação "à medida" para empresas e organizações.

A **Colecção DFP/Competências Humanizadas**, organizada pelo Departamento de Formação Permanente do ISPA, pretende reunir um conjunto de textos essenciais que sirvam de apoio ao exercício das actividades de profissionais de diferentes áreas e contextos.

Reunindo especialistas em vários domínios, esta colecção publica sobre temas específicos e inovadores com a finalidade de colocar à disposição do leitor textos que, embora sintéticos, são ferramentas de trabalho actualizadas com aplicabilidade prática e úteis para ao desenvolvimento profissional contínuo.



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Rua Jardim do Tabaco, 34  
1149-041 Lisboa  
Tel.: 218 811 700  
Fax: 218 860 954  
e-mail: [amira@ispa.pt](mailto:amira@ispa.pt)  
[www.ispa.pt](http://www.ispa.pt)

